

NOTAS SOBRE DISSENSO E PAIXÃO: RELAÇÕES POLÊMICAS ENTRE OS DISCURSOS DA ESQUERDA E DA DIREITA NAS ELEIÇÕES DE 2018 E 2022 NO BRASIL

GUSTAVO DE OLIVEIRA*


Universidade de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral (PGLING), São Paula, SP, Brasil.

Recebido em: 26 jan. 2024. Aprovado em: 3 abr. 2024.

Como citar este artigo: OLIVEIRA, G. de. Notas sobre dissenso e paixão: relações polêmicas entre os discursos da esquerda e da direita nas eleições de 2018 e 2022 no Brasil. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 24, n. 1, p. 140-156, jan./abr. 2024. DOI 10.5935/cadernosletras.v24n1p140-156

Resumo

O presente trabalho procura abordar a relação entre argumentação, paixão e polêmica em discursos de teor político. Tomaremos por base postulados da análise do discurso francesa, tais como a noção de *polêmica*, de Dominique Mainueneau, e de *modalidade polêmica* como uma modalidade argumentativa, presente em reflexões de Ruth Amossy. Focaremos aspectos discursivos dessas noções, advogando que nem sempre os discursos argumentam somente pela via da razão, mas também por vias afetivas, o que leva em conta questões de intensidade, esta que será tratada aqui a partir da visão da semiótica discursiva,

* E-mail: gustavomaciels508@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-8835-1301>

sobretudo segundo autores como Claude Zilberberg e Jacques Fontanille. Visando evidenciar um jogo de contraposição polêmica e passional entre discursos da esquerda e da direita no Brasil, analisaremos o funcionamento discursivo de uma gravura e de um *outdoor*, identificados, respectivamente, no âmbito das eleições presidenciais de 2018 e 2022.

Palavras-chave

Discurso político. Modalidade polêmica. Paixão.

INTRODUÇÃO

O presente artigo parte do princípio de que a análise da dimensão argumentativa dos discursos não pode se passar somente por uma via logicizante, mas que é preciso levar em conta uma dimensão passional também. No caso do discurso político, isso não se dá de modo diferente, sendo este, na verdade, um bom *locus* de discussão da questão, dado que, em sua raiz, a política necessita da atividade argumentativa, ao mesmo tempo que debates em torno de discursos de ódio, preconceito e exclusão sempre foram pertinentes questões da área.

O artigo, assim, analisa o discurso político a partir de uma aproximação entre o que dizem a análise do discurso francesa e a semiótica discursiva (mormente em sua versão tensiva), sobretudo no que se refere às relações polêmicas entre discursos e como eles exploram mecanismos e expedientes relativos à intensidade. Mobilizaremos conceitos referentes a essas áreas a fim de evidenciar que a questão do passional é crucial no estudo sobre a circulação dos discursos polêmicos em sociedade. Fá-lo-emos nos valendo de uma breve análise em torno de alguns aspectos do jogo discursivo entre direita e esquerda nas eleições de 2018 e 2022, no Brasil.

Nosso intuito, nesta empreitada, é o de, ao darmos espaço à polêmica, abordando também a sua dimensão passional e sensível, pontos a serem esclarecidos no decorrer deste artigo, mostrar que dissenso e consenso coabitam na sociedade, assim como sensível e inteligível, razão e emoção.

ARGUMENTAÇÃO, PAIXÃO E POLÊMICA

Os estudos de análise do discurso francesa e da semiótica francesa, entre outros segmentos das pesquisas discursivas e linguísticas, têm se voltado mais (acompanhando tendência que surge desde a segunda metade do século XX) para questões advindas da retórica. Quanto à semiótica de base greimasiana, além das obras publicadas pelo Grupo μ , que pode ser considerado um seu representante, podemos mencionar, só a título de exemplo, o número 137 da revista *Langages*, organizado por Jean-François Bordron e Jacques Fontanille, em 2000, ou mesmo os trabalhos de Fiorin (2014, 2016, 2020) sobre figuras de retórica, argumentação e sobre o que ele chama de “retoricidade”, na esteira do que preconiza um autor como Claude Zilberberg (2011, p. 195-224). Quanto à análise do discurso francesa, pode-se depreender postura similar, ora a partir do gesto de apropriação da noção de *ethos* feita por Maingueneau (2008, 2020), ora no trabalho que Amossy (2007, 2011, 2017a, 2017b, 2018) tem realizado sobre a argumentação e os discursos polêmicos.

Esta última autora, por sinal, afirma constantemente que realizar tal empreitada, levando em conta a polêmica e dando-lhe um estatuto argumentativo, é mudar algumas posições da retórica, sendo uma delas a relativa ao consenso, já que podemos postular um jogo argumentativo que também se baseie no dissenso. Levando em conta essas posições, abordar-se-á, neste texto, a questão da argumentação e do discurso polêmico a partir da visão de Amossy, explorando-se sobretudo parâmetros tensivo-passionais que aparecem em sua reflexão, parâmetros estes que serão tratados aqui, por sua vez, conforme Fontanille e Zilberberg (2001).

Conforme diz Fiorin (2016, p. 15), tem sido comum na linguística atual a postura relativa a se estabelecer um sentido lato à noção de argumentação: “É um lugar-comum na linguística atual a afirmação de que a argumentatividade é intrínseca à linguagem humana e de que, portanto, todos os enunciados são argumentativos”. Ao afirmar isso, o autor menciona ainda que essa posição se deve em boa parte à iniciativa presente nos trabalhos de Oswald Ducrot e Jean Claude Ascombre. No entanto, Fiorin faz a ressalva de que o modo como esses dois autores tratam o termo argumentação tem um escopo muito diferente daquele que vem da tradição aristotélica, pois os autores tratavam de uma argumentação *na língua*.

Para Fiorin, a argumentação deve ser integrada em uma teoria que não leve em conta somente a língua, mas também o *discurso* em geral. Portanto, para o autor, a argumentação deve ser tomada e inserida em um projeto teórico que tenha como foco o discurso. Ao assumir essa condição, Fiorin (2016, p. 9) aponta por que é necessário tomar posição sobre o estatuto argumentativo geral da linguagem, o que se pode perceber no fato de que todo enunciador pretende que suas posições sejam acolhidas, ou seja, que ele seja aceito; e no entendimento de que o modo real de funcionamento do discurso é o dialogismo. Todo sujeito-enunciador quer fazer-se crer ou influenciar o enunciatário quando diz algo; bem como não há discurso que não pressuponha enunciações antagônicas ou anteriores, ou seja, o diálogo com outros discursos e textos que circulam em uma cultura, sociedade, campo discursivo etc.

Ao mencionar essa questão do sentido lato de argumentação, Amossy (2011, p. 129) diz que não há total consentimento entre os debatedores. Se pensarmos na retórica clássica e em alguns autores mais recentes (Perelman, Óleron, Van Meeren), a argumentação se mantém restringida a tipos de discursos e a alguns gêneros, e, portanto, não assume a via da generalidade, de uma concepção lata. Amossy reforça que, ainda que autores como Perelman alarguem mais o escopo da argumentação em relação ao que era posto pela retórica antiga, ainda assim a restringem e negam estatuto argumentativo a outros gêneros e discursivos que não estejam incluídos nos grupos que eles delimitaram como argumentativos.

Nessa última maneira de ver, temos, geralmente, um ponto de vista sobre a argumentação que leva em conta o caráter manifesto de uma tese no discurso e sobretudo a racionalidade deste. Amossy (2011) aponta, porém, que, em seus trabalhos, assume uma postura diferente, concordando com Grize quanto ao fato de que o enunciador, em qualquer discurso, faz do enunciatário uma espécie de *alter ego* com quem partilha uma visão de mundo, ainda que não apareça marcada explicitamente essa dimensão. Nesse raciocínio, se todo discurso pode ser considerado à maneira do que preconiza Amossy (2011, p. 130, grifo nosso), a argumentação não se refere somente a fazer o destinatário do discurso aderir a uma tese, “mas também a modos de pensar, de ver, *de sentir*”.

Sabemos que os estudos de argumentação trazem em seu bojo uma longa tradição que vem desde a retórica aristotélica e latina e desde a lógica. Com a retomada da retórica operada pelos estudos da linguagem a partir do século XX, no quais se inserem os estudos citados na introdução, algumas questões, obviamente, tiveram e têm de ser adaptadas a partir dos achados dos estudos

contemporâneos. Uma delas é essa relativa ao sentido ou alcance que se deve dar à noção de argumentação na vida dos discursos, o que implica também uma revisão sobre a argumentação ser considerada algo somente concernente a uma razão lógica.

Amossy, ao assumir posição, põe lado a lado essas visões que ou restringem ou generalizam a noção de argumentação, concebendo, além disso, e assumindo posição similar à de Fiorin (2016), de que o dialogismo está *a priori* no discurso. A menção ao modo como Grize encara a questão também demonstra que o aspecto sensível e passional passa a ser visto nos debates que tentam delimitar uma visão sobre a argumentatividade do discurso.

Amossy (2007), à sua maneira, tenta situar as duas formas de encarar a questão e, por isso, utiliza-se de duas expressões: *intenção argumentativa* e *dimensão argumentativa*.¹ O primeiro sintagma refere-se a uma concepção estrita de argumentação, que serve para tratar de discursos mais “marcadamente” argumentativos, e o segundo sintagma refere-se à concepção lata de argumentação, como mostrada em Fiorin (2016). Desse modo, a autora concebe que o discurso pode ser mais ou menos evidentemente argumentativo, podendo esses mais evidentemente argumentativos ser encarados a partir de diferentes modalidades, que ela classifica em três: a *demonstrada*, a *negociada* e a *polêmica*.

Tais modalidades são indiciadas por discursos marcados por uma *intenção argumentativa* manifesta: na primeira, a *modalidade demonstrativa*, “uma tese é apresentada por um locutor, num discurso monologal ou dialogal a um auditório do qual ele quer obter a adesão pelos meios da demonstração fundamentada, do raciocínio articulado apoiado em provas” (Amossy, 2011, p. 131-132); na segunda, dita *modalidade negociada*, “os parceiros que ocupam posições diferentes, até mesmo conflitantes, esforçam-se para encontrar uma solução comum para o problema que os divide e chegar a um consenso através de compromisso” (Amossy, 2011, p. 131-132); e, por fim, a terceira, a *modalidade polêmica*, “que é caracterizada por um confronto violento de teses antagônicas, em que duas instâncias em total desacordo tentam superar a convicção da outra, ou de uma terceira que as ouve, atacando as teses contrárias” (Amossy, 2011, p. 131-132). Abordaremos com mais vagar esta última modalidade mencionada, trazendo para o diálogo também Maingueneau (2008).

¹ Esta última aparece também, o que pode ter se dado por questões de tradução, com a alcunha de *orientação argumentativa* em Amossy (2011).

POLÊMICA E DISCURSO: DISSENSO E PAIXÃO

Ao tratar da interincompreensão, outro autor da análise do discurso francesa, Dominique Maingueneau, traz para o centro do discurso a polêmica, o que também fazem Greimas e Fontanille (1993, p. 46), no contexto da semiótica, sobre o que chamam de estruturas *polêmico-contratuais*. Concebemos que isso não se dá por acaso, uma vez que, como tudo que concerne à linguagem, a vida dos discursos também se dá por relações de identidade e diferença, de acordo e conflito, condição necessária para caracterizar que não vivemos ou numa espécie de irenismo ilusório ou de uma guerra sem fim marcada pela violência generalizada.

Maingueneau (2008, p. 107, grifo do autor), ao fazer alguns apontamentos sobre o que ele chama de relações polêmicas entre os discursos, dá *status* especial ao termo em sua teorização: “distinguiremos um nível *dialógico*, o da interação constitutiva, e um nível *polêmico*, que [...] se responsabiliza pela heterogeneidade ‘mostrada’, a citação, no sentido mais amplo”. Para o autor, portanto, a dimensão polêmica dos discursos é inerente ao próprio dialogismo que lhes constitui, ao mesmo tempo que o autor tenta cifrar isso delimitando o conceito em termos de “citação”, dizendo que a polêmica se refere ao dialogismo “mostrado”.

Podemos dizer que para Maingueneau a relação polêmica é a relação interdiscursiva fundamental. A escolha assim é feita porque a divergência, a interincompreensão, é vista também como constitutiva do discurso. Nesse contexto, podemos dizer que, para o autor, a polêmica, ainda que estrita em face do dialogismo em geral ou pelo menos encarada como mecanismo de ordem mais superficial, em oposição a uma dimensão mais profunda (constitutiva), pode ser vista como minimamente “generalizada”, a partir das relações mostradas entre diferentes interações discursivas conflituais. Ruth Amossy também advoga um papel fundamental para a polêmica, que julgamos estar já em Maingueneau.

Ao tratar do conceito, o próprio Maingueneau (2008, p. 104) assim diz: “Não existe relação polêmica ‘em si’: a relação com o Outro é função da relação consigo mesmo”. Ora, o que vemos aqui é o postulado da interincompreensão ser levado ao extremo. Mais interessante é perceber a dimensão identitária, ou melhor, a dialética entre identidade e diferenças que se realça nessa discussão, o que se expressa na aparentemente enigmática proposição: “Na polêmica, contrariamente ao que pensamos espontaneamente, é a convergência que prevalece

sobre a divergência” (Maingueneau, 2008, p. 111). Em suma, a polêmica *recrudesce* o jogo entre identidade e diferença que há em todo discurso, fazendo da diferença drástica justamente uma forma de afirmação drástica das identidades.

É nesse sentido que o discurso polêmico, ou sua dimensão polêmica, revela algo sobre o discurso em geral. Em outros termos: é esse o fator que dá o forte apelo identitário aos envolvidos na polêmica e que faz com que ela tenha sua função social, pois ela intensifica o que está posto nesse jogo discursivo, dá motor ao embate de discursos, logo, à própria consecução, *produção* dos discursos, que estão em relação de tensão na sociedade. É esse o motivo que faz Amossy (2017a, 2017b) dizer que dissenso e polêmica também têm importante papel social.

Amossy não deixa de se basear nessa maneira de Maingueneau ver a polêmica, portanto, já que se preocupa em ver a questão desse ponto de vista geral, mas sem deixar de ver a questão de modo mais estrito, dando ênfase a uma polêmica mais “marcada”, assim como apontou ao considerar a própria noção de argumentação. Apesar dessa nuance, ao mesmo tempo que são gerais, as proposições de Maingueneau sobre a polêmica servem da mesma forma, pois podemos dizer que a polêmica mais situada figura de modo mais *típico e concentrado*, o que é inerente à polêmica em seu aspecto mais geral, e isso pode ser interessante para pensarmos em alguns elementos passionais que insinuam na teorização da polêmica feita por Amossy, sobre a qual versaremos com mais vagar agora.

Ao tratar a polêmica como uma das modalidades argumentativas, Amossy (2011) precisou contornar o fato de que ela, a polêmica, foi tradicionalmente tirada do âmbito da argumentação, o que, em outro texto, a autora alega ter sido pelo fato de a polêmica ser considerada, pelo seu componente passional e de desacordo, “uma degradação infeliz do debate público no qual se funda a democracia” (Amossy, 2017b, p. 230). Foi justamente o aspecto dialógico e a contraposição de posicionamentos que levaram a autora a assim se posicionar.

Ao se referir aos mecanismos discursivos da polêmica de modo mais específico, Amossy (2017b) menciona a definição presente em Kerbrat-Orecchioni (1980). É interessante como alguns elementos de ordem passional também adentram visceralmente na definição: a polêmica é um discurso *fortemente* dialógico, sendo os discursos envolvidos uma espécie de antidiscurso um para o outro; a polêmica é *fortemente* marcada por operações como a *negação* do discurso do outro a jogos sistemáticos de oposição e a uma *marcada* avaliação axiológica (avaliação em termos de Bem e Mal) – o que indicia que esse jogo opositivo se dá nos *extremos*, portanto sem moderação e sem valores médios,

se pensarmos em uma escala de intensidade; a polêmica é marcada por palavras de desqualificação; e, por fim, utiliza-se constantemente do argumento *ad hominem*.

Amossy aponta que esses elementos demonstram o caráter argumentativo da polêmica, pois revelam que o choque de teses antagônicas lhe é característico. Assim, os discursos em oposição, como é no caso da polêmica, revelam uma forte contraposição entre um proponente e um oponente, bem como a presença de um terceiro. Segundo Amossy, esse terceiro é a figura de um sancionador que julga os méritos das visões postas em jogo, o que seria algo da ordem de uma opinião pública, por exemplo, ou a própria história – como diz Maingueneau (2008, p. 115)² –, que em algum momento evidencia o discurso que venceu.

Se esses elementos evidenciam a feição argumentativa da polêmica, segundo Amossy, eles ainda não evidenciam claramente sua especificidade. Nesse quesito, chama a atenção o fato de que o critério especificador será, em suma, de intensidade. O primeiro ponto exposto é o da dicotomização, em que as duas visões em oposição se apresentam como inconciliáveis: “de fato, para que haja polêmica, é necessário que as respostas antagônicas sejam apresentadas como duas opções antitéticas que se *excluem* mutuamente” (Amossy, 2017b, p. 232, grifo nosso).

Ilustrando esses termos, a autora afirma, em resumo, que o discurso polemista funciona a partir de um pensamento que cifra que algo “é branco ou preto”, ou seja, que está no território da polarização. Nos termos de Fontanille e Zilberberg (2001, p. 15-60), autores que visam dar tratamento teórico formalizado à questão da intensidade nos discursos, o que está aí posto é que os discursos marcadamente polêmicos tendem a envolver fortes *triagens*, organizados a partir de um *princípio de exclusão* (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 27), pois “puxam” uma oposição para os polos e fazem o debate entrar no território do *fortemente* oposto.

Os mecanismos de *triagem*, opostos ao de *mistura*,³ referem-se, em linhas gerais, a mecanismos de delimitação de um campo de presença discursivo *limitado*, focado em poucos objetos, enquanto seu correlato paradigmático, a

2 “Isto quer dizer que esse Terceiro neutro, cuja existência o debate supõe para dele apropriar-se, esse Terceiro, que se imaginava que reduzisse o Outro ao silêncio, enunciando o Justo, no qual coincidem o Verdadeiro e o Legítimo, é, finalmente, simplesmente a História, a mesma que suscitou a polêmica” (Maingueneau, 2008, p. 115).

3 Esses que, ainda conforme Fontanille e Zilberberg (2001, p. 27), são marcados por um *princípio de participação*. Ambos os termos, *triagem* e *mistura*, podem ser consultados também em glossário presente em Zilberberg (2011).

mistura, é marcado pela maior inserção e assimilação de elementos a esse campo de presença. No que se refere à aplicação nos discursos, ou a título de ilustração, podemos dizer, por exemplo, que o campo de presença de um sujeito fanático é um campo limitado a poucos objetos, quase *uno*, enquanto um sujeito mais racional, detentor de uma visada mais *holística* em face de uma questão, é um sujeito mais da mistura, assimilando mais elementos em seu universo passional e cognitivo.

No estudo de Maingueneau (2008), esses parâmetros também aparecem quando o autor afirma ser o discurso jansenista um discurso da “concentração” e marcado por forte espírito de “exclusão”, enquanto o discurso do humanismo devoto é um discurso marcado pela “ordem”, que permite a coabitação de diferentes ordens religiosas. Pensando nessas questões, o que podemos perceber na definição de polêmica em Amossy (2017b, p. 233, grifos nossos) é que há uma dimensão relativa à intensidade que não pode ser esquecida e que fica claramente explicitada na dimensão identitária, que, por sua vez, evidencia o apego dos discursos aos seus valores: “Quanto *mais* uma adesão a uma tese é constitutiva de uma identidade compartilhada, *mais* o indivíduo tenderá a apegar-se a ela”.

A raiz do desprezo histórico pela polêmica se encontra marcada por essa dimensão de intensidade que a define, e essa dimensão não pode ser deixada de lado na sua análise, tampouco separada da questão passional que é o fator atrelado a essa intensidade. Esse ponto é importante de salientar porque, na história do Ocidente, o “passional” constantemente foi matéria de diminuição moral, justamente por seus excessos. Quanto a essa questão do excesso, Amossy (2017b, p. 228) assim diz: “De fato, trata-se de um modo de discurso frequentemente desprezado por seus excessos (sua violência, sua paixão, sua tendência aos extremos)”.

Como a própria autora afirma depois, esse julgamento se dá porque a retórica foi concebida como busca pelo consenso e pela razão. De certo modo, é digna de suspeição, ante tais critérios definicionais e tantos indícios levantados, que a autora chegue a afirmar sobre a polêmica algo como “ela pode (*mas não deve*) ser acompanhada de paixão” (Amossy, 2017b, p. 233, grifo nosso), ou algo como “o tratamento emocional não é obrigatório e, em caso algum, suficiente para definir a polêmica como tal” (Amossy, 2017b, p. 233). Estaria aí uma de-valorização, quanto ao excesso, entrando sub-repticiamente nas afirmações da autora? Ora, ainda que a polêmica tenha também estatuto racional, pois se dá via discurso, os componentes passional e de intensidade se revelam

imprescindíveis, já que a definição e especificação dada pela autora assim o evidenciam. Desse modo, a presença do “deve” demonstra uma deontologia que ainda traz um ranço de moralização a essa dimensão “excessiva” da polêmica, que, todavia, deve ser matéria de estudo também, uma vez que compõe os embates dos discursos na sociedade. Os discursos que circulam na sociedade são como são, e assim precisam ser estudados, e não como *deveriam* ser.

UM EXEMPLO: ESQUERDA E DIREITA NAS ELEIÇÕES BRASILEIRAS DE 2018 E 2022

Quando Amossy faz considerações sobre a polêmica, a autora se volta sobretudo para discursos de ordem política ou para polêmicas em sentido mais estrito. E o campo do discurso político, sobretudo em épocas eleitorais, é um campo perpassado por polêmicas. Pensemos aqui no Brasil, onde podemos identificar, somente a título de ilustração, o fato de o discurso de Bolsonaro ter sido visto sobretudo como um discurso polemista. É esse discurso que, encarado como de “extrema direita”, revela posicionamentos tipicamente tidos como conservadores e que tendem a operar uma triagem (foco em um universo, excluindo fortemente outros) em relação a valores ou não e dar tanta atenção às pautas relativas a grupos que demandam uma maior *inclusão* (mistura) no debate público, o que parece caracterizar em grande parte a posição da esquerda.

O *ethos* bolsonarista, já que assim o podemos conceber, é realizado, a título de exemplo, em falas que marcam a pejorativização da identidade LGBT (como na seguinte afirmação: “seria incapaz de amar um filho homossexual”, proferida em entrevista de Bolsonaro à revista *Playboy*) ou na recorrência de menções à doutrina cristã e ao patriotismo (o que é sintetizado no *slogan* de campanha, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”).

Esses elementos revelavam pontos de tensão e embate de ambos os discursos, pontos que vão se manifestar nos mecanismos argumentativos postos em jogo pelos dois posicionamentos. A argumentação se passa, portanto, dentro de um jogo em que os fatores de intensidade e de afeto se realçam. Isso se pode notar nas estratégias de estereotipação, ou tipificação, atreladas às escolhas lexicais desses discursos, a estabelecerem um componente de disputa de narrativas e de pautas polêmicas, como no caso das querelas entre as posições sobre a ditadura de 1964: afinal, foi “movimento” ou foi “golpe”? – questão que se

estende até mesmo para o *impeachment* (ou seria um golpe?) de Dilma, remontando ao contexto de 2016.

Um outro exemplo se expressa na oposição “fascismo” *versus* “comunismo”, muito comum nesse contexto. Dado o seu peso, tal oposição revela que a discussão foi posta realmente como se dando em polos extremos. Zilberberg (2011, p. 203) nos ensina que as oposições podem ser vistas de modo elástico e em uma estrutura gradual. Os lexemas “fascismo” e “comunismo” recobrem, na verdade, uma estrutura tensionada em dois polos que teriam termos mediais, moderados: [extrema esquerda/comunismo – esquerda – centro – direita – extrema direita/fascismo]. A polarização a que nos referimos, logo, nos dois discursos, supõe o pensamento de uma estrutura assim, que gradua os valores semânticos veiculados neles.

As aproximações do discurso bolsonarista a um discurso fascista não foram poucas nas últimas eleições no Brasil; em contrapartida, a esquerda foi constantemente tachada de comunista. Por ocuparem os polos nessa zona de estrutura gradual, os termos se carregam de aspectos intensos e tipificados, o que os faz, como escolhas lexicais, terem uma dimensão argumentativa de intensificação e estereotipação, podendo ser vistos, um aos olhos do outro, e a depender do ponto de vista de base, ora como *eufemismo*, ora como *hipérbole*, o que demonstra um apelo sensível da ordem de figuras de linguagem, usadas com fins de impacto. Na gravura e no *outdoor* que apresentaremos, temos exemplos situados das relações polêmicas entre os dois posicionamentos. Vejamos a gravura, situada no contexto das campanhas eleitorais de 2018.



Figura 1 – Jesus crucificado no Brasil

Fonte: Lambert (2018).

Essa gravura enuncia, do ponto de vista de um posicionamento da esquerda, de modo irônico, o que seria uma contradição do discurso da direita: um ator, identificável como Jesus, ou seja, quem deveria ser o centro do discurso religioso base do discurso da extrema direita, sendo expulso para Cuba. O investimento figurativo recobre, assim, o cruzamento no investimento temático do discurso político e do religioso. Jesus, no centro *topológico* (Floch, 1985) do desenho, encarna a dimensão religiosa que é convocada no debate; e Cuba, como instância de ancoragem espacial, traz em seu bojo também, pelas relações de interdiscursividade, a informação de ser um país que tem como regime político o comunismo.

A expressão “Volta pra Cuba!!”, marcada por um balão que provém da direção esquerda de nossa visão do quadro, mas da direita se o centro de referência for o do Jesus representado, marca a citação do discurso de um outro, que enuncia um discurso carregado de pressupostos: dizer que Jesus volte para Cuba é justamente dizer que Jesus volte para um país de regime comunista. Se o trecho provém da *direita* (o que, no quadro, é a direita de Jesus, deixamos o termo assim ambíguo para lançar também uma hipótese de possíveis motivações topológicas na gravura), o discurso da esquerda quer dizer, então, que esse discurso da direita, ao cunhar de comunistas uma parcela da sociedade, cunha como comunista o que deveria ser o próprio centro de seus valores morais: Jesus, este que, de certo modo, pode ser lido também, ainda que pese sobre os ombros os possíveis julgamentos de anacronismo, como alguém que veiculou valores defendidos pela esquerda.

Esse jogo revela um confronto de pontos de vista de discursos fortemente antagonizados, um sendo o antidiscurso do outro, bem como uma forte oposição entre o que seria posto como o “Mal” ou como o “Bem”. A dimensão religiosa do embate revela também a questão do apego aos valores, já que a instância do *crer*⁴ é uma instância fundamental no que concerne aos valores fundamentais de um discurso. Pôr Jesus nessa posição é pôr justamente o centro da discussão em disputa, logo, não se dá por acaso também que ele apareça, do ponto de vista do plano da expressão, no centro topológico do quadro. Além disso, mencionar “fascismo” e “comunismo” é explorar os medos e os receios do público ante as possíveis implicações de uma ascensão desses regimes. Poderíamos também mencionar outros aspectos da gravura, os traços do

4 Fontanille e Zilberberg (2001, p. 227-262) apontam o *crer* como modalidade básica da assunção de valores nos discursos.

desenho, a dimensão ironizante, o estado de alma de Jesus. Por ora, preferimos dar um outro exemplo, proveniente do ponto de vista da direita.

No exemplo concernente ao posicionamento do discurso da direita, agora situado no contexto das eleições de 2022, o que não implica que não sejam levantadas as mesmas pautas de 2018, na verdade são quase as mesmas,⁵ poderemos perceber que os mecanismos de estereotipação são enunciados até de maneira estruturada, numa contraposição clara entre semas de um discurso vistos a partir do universo axiológico de um discurso que o julga e o *tipifica*. Na imagem a seguir, vemos claramente um jogo, que também compreende a dimensão imagética, de contraposição fortemente axiologizada dos dois candidatos das eleições de 2022.



Figura 2 – Outdoor “Você decide”

Fonte: Redação RBA (2022).

As oposições sêmicas enunciam pautas e temas que geram forte coro no eleitorado brasileiro, a despertarem fortes polêmicas, por sinal: a questão do aborto, a do uso de armas por civis, a questão dos valores morais e religião, a questão agrária, a econômica. No *outdoor*, temos uma visão fortemente tipificada da esquerda, do ponto de vista negativo, ao mesmo tempo que a direita também é tipificada, só que de modo positivo, em seu próprio ponto de vista.

5 Essa similaridade de mecanismos discursivos por parte da direita, em diferentes contextos, é um ponto interessante de investigação, o que pode ser percebido no fato de que a mesma direita recupera mecanismos e procedimentos discursivos similares da direita dos tempos da ditadura. Isso pode ser percebido no estudo profundo, coerente e detalhado de Fiorin (1988).

As oposições tipificadas não se dão somente pela dimensão verbal, mas também pelas expressões faciais divergentes dos dois candidatos: Lula é apresentado com uma expressão marcada pela disforia, até mesmo por um olhar hostil; Bolsonaro já aparece como um ator possuidor de estado de alma leve e positivo, sorrindo e olhando até mesmo para uma direção que demarcaria uma espécie de horizonte de visão, de expectativas que podem ser ditas boas.

Além disso, dessa disposição topológica, que é, na verdade, uma oposição colocada como choque entre o Bem e o Mal, nas lentes do discurso da direita, vemos assimilação do símbolo do lado de Lula com o comunismo e, no símbolo do lado de Bolsonaro, a bandeira do Brasil. Esse discurso quer naturalizar na identidade da esquerda o comunismo, e o Mal, ao mesmo tempo que quer naturalizar uma imagem de si que se assimilaria ao Brasil, e o Bem, pondo o comunismo como uma ameaça ao próprio Brasil, vestindo de papéis figurativo-temáticos um tanto mentirosos os papéis dessas duas orientações políticas opostas em 2022.

Conforme o que podemos notar de modo claro nesses aspectos presentes no discurso do *outdoor*, e pensando em que consiste a eficácia do discurso de Bolsonaro, é possível dizer que essa eficácia se dá tanto pela mescla de *fake news* quanto com o expediente extremista de tipificar fortemente a esquerda. O fato de o discurso bolsonarista ter gerado reações passionais e ter se aproveitado dos ânimos acirrados das partes envolvidas também fez com que Bolsonaro incitasse paixão nas eleições tanto de 2018 quanto de 2022. O mecanismo tipificador, recrudescendo identidades, foi um forte aliado do mecanismo veridictório.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contingências relativas a esta publicação talvez façam o presente texto ser elíptico no trato de algumas questões e, em algumas passagens, talvez o façam também dar saltos, passar rápido pelos objetos de análise e até pelas implicações teóricas desenvolvidas.

Essa incursão final pela estereotipação/tipificação que, na verdade, é um mecanismo de triagem do discurso, nos termos da semiótica tensiva, revela o porquê de Amossy se voltar para o estudo de estereótipos. O interesse de pesquisa da autora não surge só da projeção que um estereótipo social pode ter

sobre um discurso, mas se refere também a um mecanismo discursivo que é este de tratar de modo excessivamente redutor um *ethos*, uma identidade discursiva.

A nosso ver, por sinal, a cena política contemporânea é fortemente perpassada pela dimensão da emoção, e esses mecanismos dos discursos devem também ser explorados e estudados. Os debates nas mídias nunca escapam das questões polêmicas, e estas são marcadas tanto por investimentos discursivos racionais quanto passionais. Foi-se o tempo em que o afeto não era matéria de reflexão mais séria, e as teorias do discurso devem lidar com essas questões. Acreditamos que levar essa discussão para o tema da argumentação seja deveras necessário.

Remarks about dissensus and passion: polemical relations between the left and right speeches in 2018 and 2022 elections in Brazil

Abstract

This work seeks to address the relationship between argumentation, passion and controversy in political speeches. We will be based on postulates from French discourse analysis, such as the notion of polemic, by Dominique Maingueneau, and polemic modality as an argumentative modality, present in Ruth Amossy's reflections. We will focus on the discursive aspects of these notions, arguing that discourses do not always argue through reason, but also through affective means, which takes into account issues of intensity, which will be treated here from the perspective of discursive semiotics, especially according to authors such as Claude Zilberberg and Jacques Fontanille. Aiming to highlight a game of controversial and passionate opposition between left and right discourses in Brazil, we will analyze the discursive functioning of an engraving and a billboard, identified, respectively, within the scope of the 2018 and 2022 presidential elections.

Keywords

Political speech. Polemic modality. Passion.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. O lugar da argumentação na análise do discurso: abordagens e desafios contemporâneos. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 9, p. 121-146, 2007. Disponível em: <https://revistas.usp.br/flp/article/view/59776>. Acesso em: 27 mar. 2024.
- AMOSSY, R. Argumentação e análise do discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, nov. 2011. Disponível em <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/389>. Acesso em: 29 nov. 2020.
- AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Contexto, 2017a.
- AMOSSY, R. Por uma análise discursiva e argumentativa da polêmica. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 13, p. 227-244, jan./jun. 2017b.
- AMOSSY, R. *A argumentação no discurso*. São Paulo: Contexto, 2018.
- FIORIN, J. L. *O regime de 1964: discurso e ideologia*. São Paulo: Atual, 1988.
- FIORIN, J. L. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.
- FIORIN, J. L. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2016.
- FIORIN, J. L. De la rhétorique à la rhétoricité. *Actes Sémiotiques*, n. 123, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/6414>. Acesso em: 29 nov. 2020.
- FLOCH, J.-M. *Petites mythologies de l'œil et de l'esprit*. Paris: Hadès; Amsterdam: Benjamins, 1985.
- FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. *Tensão e significação*. Tradução Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial, Humanitas, FFLCH/USP, 2001.
- GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões: dos estados de coisa aos estados de alma*. Tradução Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. La polémique et ses définitions. In: GELAS, N. (ed.). *Le discours polémique*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1980. p. 3-40.
- LAMBERT, R. Os brasileiros são todos fascistas? *Le Monde Diplomatique Brasil*, v. 136, 2018. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/os-brasileiros-sao-todos-fascistas/>. Acesso em: 25 jan. 2024.
- MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Variações sobre o ethos*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2020.

REDAÇÃO RBA. Advogados denunciam no TSE outdoors com informações falsas contra Lula. Rede Brasil Atual. 2022. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/advogados-denunciam-tse-outdoors-mentiras-contralula/>. Acesso em: 25 jan. 2024.

ZILBERBERG, C. *Elementos de semiótica tensiva*. Tradução Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.